

Na história do Festival um Festival sem história

Os festivais Eurovisão vão, ano para ano, perdendo o interesse de que inicialmente se revestiram, devido a factores de ordem múltipla, que seria fastidioso tentar enumerar aqui.

No passado sábado, directamente de Estocolmo, a capital da Suécia, foi transmitida a vigésima edição do concurso, que parece começar a "saturar" os telespectadores. Todavia, mesmo assim, os ouvintes atingiram a cifra de cerca de 600 milhões. Seiscentos milhões, calculem...

Como pode a mediocridade despertar tamanha expectativa? Porque é que as pessoas ainda vão em cantigas? Estas e outras interrogações ficam à mercê de qualquer leitor de inteligência mediana. Mas uma coisa ressalta de tudo isto: é que os europeus, que se julgam mais "adultos" do que os americanos, parecem, cada vez mais, deixar-se tentar por meios publicitários de grande alcance e impacto, que lhes "impõem", inconscientemente, uma maneira de passarem um serão, em sua casa, ou no café da esquina, ainda que fosse mais útil deslocarem-se a visitar uma pessoa amiga ou reunirem-se com colegas de profissão, por exemplo, a fim de discutirem assuntos válidos.

Inicialmente, o Festival da Eurovisão era, entre outras coisas, um aceno de simpatia entre nações vizinhas. Assim, Portugal, normalmente, votava pela Espanha e vice-versa. Este ano, o nosso país, representado por Duarte Mendes, um capitão do 25 de Abril, que interpretou "Madrugada", classificou-se em décimo sexto lugar, entre 19 participantes, graças sobretudo à Turquia, que deu 12 pontos ao concorrente luso.

Embora cantada numa língua que muitos poderão considerar de "confidencial", dado que o holandês é, com efeito, um idioma pouco conhecido, "Ding-Dinge Dong", defendida pela cantora Getty Kasper, acompanhada pela orquestra Teach In, sagrou-se como a canção vencedora do certame, com 152 pontos, contra 138 atribuídos à Inglaterra, que se fez representar pelos Shadows, com "Let Me Be the One".



Fotos (c) SVENSKT PRESS FOTO/A. E. I. - "S. I."

